

A Alemanha na nova ordem mundial



Por **MICHAEL HUDSON***

As Cruzadas, a ordem baseada em regras dos EUA e a promessa quebrada de ganho mútuo entre a Alemanha e a Rússia

A Alemanha tornou-se um satélite econômico da nova guerra fria dos Estados Unidos com a Rússia, a China e o resto da Eurásia. A Alemanha e outros países da OTAN foram instruídos a impor sanções comerciais e de investimento sobre si mesmos que durarão mais que a guerra por procuração de hoje na Ucrânia.

O presidente dos EUA, Joe Biden, e seus porta-vozes do Departamento de Estado explicaram que a Ucrânia é apenas a arena de abertura de uma dinâmica muito mais ampla que está dividindo o mundo em dois conjuntos opostos de alianças econômicas.

Essa fratura global promete ser uma luta de dez ou vinte anos para determinar se a economia mundial será uma economia dolarizada unipolar centrada nos EUA, ou um mundo multipolar e multimoeda centrado no coração da Eurásia com economias públicas/privadas mistas.

O presidente Joe Biden caracterizou essa divisão como sendo entre democracias e autocracias. A terminologia é o típico duplo discurso orwelliano. Por “democracias” ele se refere aos EUA e às oligarquias financeiras ocidentais aliadas. Seu objetivo é transferir o planejamento econômico das mãos dos governos eleitos para Wall Street e outros centros financeiros sob controle dos EUA. Diplomatas dos EUA usam o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial para exigir a privatização da infraestrutura mundial e a dependência da tecnologia, do petróleo e das exportações de alimentos dos EUA.

Por “autocracia”, Joe Biden quer dizer países que resistem a essa financeirização e privatização. Na prática, a retórica dos EUA significa promover seu próprio crescimento econômico e padrões de vida, mantendo as finanças e os bancos como serviços públicos. Isso é basicamente uma questão de se as economias serão planejadas pelos centros bancários para criar riqueza financeira – privatizando infraestrutura básica, serviços públicos e serviços sociais como assistência médica, tornando tudo isso em monopólios – ou elevando o padrão de vida e a prosperidade dos povos, mantendo a criação de bancos e dinheiro, saúde pública, educação, transporte e comunicações em mãos públicas.

O país que sofre o maior “dano colateral” nessa fratura global é a Alemanha. Como a economia industrial mais avançada da Europa, o aço, os produtos químicos, as máquinas, os automóveis e outros bens de consumo da Alemanha são os mais dependentes das importações de gás, petróleo e metais russos – de alumínio a titânio e paládio. No entanto, apesar dos dois oleodutos *Nord Stream* construídos para fornecer energia de baixo custo à Alemanha, o país foi instruído a se desligar do gás russo e se desindustrializar. Isso implica no fim de sua preeminência econômica. A chave para o crescimento do PIB na Alemanha, como em outros países, é o consumo de energia por trabalhador.

Essas sanções anti-russas tornam a Nova Guerra Fria atual inerentemente anti-alemã. O secretário de Estado dos EUA, Anthony Blinken, disse que a Alemanha deveria substituir o gás de gasoduto russo de baixo custo pelo gás GNL dos EUA de alto custo. Para importar esse gás, a Alemanha terá que gastar mais de US\$ 5 bilhões rapidamente para construir capacidade portuária para lidar com navios-tanque de GNL. O efeito será tornar a indústria alemã não competitiva. As falências se espalharão, o desemprego aumentará e os líderes pró-OTAN da Alemanha imporão uma depressão crônica e queda nos padrões de vida da população alemã.

A maior parte da teoria política assume que as nações devem agir em seu próprio interesse. Caso contrário, são países satélites, que não controlam o próprio destino. A Alemanha está subordinando sua indústria e padrões de vida aos ditames da diplomacia dos EUA e ao interesse particular do setor de petróleo e gás dos Estados Unidos. E faz isso voluntariamente – não por conta da força militar, mas por uma crença ideológica de que a economia mundial deveria ser dirigida por planejadores americanos da Guerra Fria.

Às vezes é mais fácil entender a dinâmica atual do mundo se afastando de sua própria situação imediata para olhar para exemplos históricos similares ao do tipo de diplomacia política que assistimos dividindo o mundo de hoje. O paralelo mais próximo que posso encontrar é a luta da Europa medieval pelo papado romano contra os reis alemães – os Sacro Imperadores Romanos – no século XIII. Esse conflito dividiu a Europa em linhas muito parecidas com as que conhecemos atualmente. Uma série de papas excomungou Frederico II e outros reis alemães e mobilizou aliados para lutar contra a Alemanha e seu controle do sul da Itália e da Sicília.

O antagonismo ocidental contra o Oriente foi incitado pelas Cruzadas (1095-1291), assim como a Guerra Fria de hoje é uma cruzada contra as economias que ameaçam o domínio dos EUA no mundo. A guerra medieval contra a Alemanha era sobre quem deveria controlar a Europa cristã: o papado, com os papas tornando-se imperadores mundanos, ou governantes seculares de reinos individuais, reivindicando o poder de legitimá-los moralmente e aceitá-los.

O análogo da Europa medieval à Nova Guerra Fria da América contra a China e a Rússia foi o Grande Cisma, em 1054. Exigindo o controle unipolar sobre a cristandade, Leão IX excomungou a Igreja Ortodoxa centrada em Constantinopla e toda a população cristã que pertencia a ela. Um único bispado, Roma, separou-se de todo o mundo cristão da época, incluindo os antigos patriarcados de Alexandria, Antioquia, Constantinopla e Jerusalém.

Tal ruptura criou um problema político para a diplomacia romana: como manter todos os reinos da Europa Ocidental sob seu controle e reivindicar o direito de subsídio financeiro deles. Esse objetivo exigia subordinar os reis seculares à autoridade religiosa papal. Em 1074, [\[1\]](#) Gregório VII (nascido Hildebrando), anunciou 27 Ditos do Papa [*Dictatus papae*] delineando a estratégia administrativa de Roma para manter seu poder sobre a Europa.

Essas exigências papais são surpreendentemente paralelas à diplomacia americana de hoje. Em ambos os casos, os interesses militares e mundanos exigem uma sublimação na forma de um espírito de cruzada ideológica para cimentar o sentimento de solidariedade que qualquer sistema de dominação imperial exige. A lógica é atemporal e universal.

Os Ditos do Papa eram radicais de duas maneiras centrais. Em primeiro lugar, elevaram o bispo de Roma acima de todos os outros bispados, criando o papado moderno. A cláusula 3 determinava que somente o papa tinha o poder de investidura para nomear bispos ou depô-los ou restabelecê-los. Reforçando isso, a Cláusula 25 deu ao papa o direito de nomear (ou depor) bispos, impedindo os governantes locais de fazê-lo. E a Cláusula 12 deu ao papa o direito de depor imperadores, seguindo a Cláusula 9, que obrigava “todos os príncipes a beijar apenas os pés do Papa” para serem considerados governantes legítimos.

Da mesma forma, hoje, diplomatas dos EUA reivindicam o direito de nomear quem deve ser reconhecido como chefe de Estado de uma nação. Em 1953, eles derrubaram o líder eleito do Irã e o substituíram pela ditadura militar do Xá. Esse princípio dá aos diplomatas dos EUA o direito de patrocinar “revoluções coloridas” para a mudança de regime, como o patrocínio de ditaduras militares latino-americanas criando oligarquias clientes para servir aos interesses corporativos e financeiros dos EUA. O golpe de 2014 na Ucrânia e a seleção dos novos governantes ucranianos são apenas o mais recente exercício desse direito dos EUA de nomear e depor líderes.

Mais recentemente, diplomatas dos EUA nomearam Juan Guaidó como chefe de Estado da Venezuela em vez de seu presidente eleito, e entregaram as reservas de ouro daquele país para ele. O presidente Joe Biden insistiu que a Rússia deve derrubar Vladimir Putin e colocar um líder mais pró-EUA em seu lugar. Esse “direito” de selecionar chefes de Estado tem sido uma constante na política dos Estados Unidos ao longo de sua extensa história de intromissão política nos assuntos europeus desde a Segunda Guerra Mundial.

A segunda característica radical dos Ditos do papa foi sua exclusão de toda ideologia e política que divergisse da autoridade papal. A cláusula 2 afirmava que somente o Papa poderia ser chamado de “Universal”. Qualquer desacordo era, por definição, herético. A cláusula 17 declarava que nenhum capítulo ou livro poderia ser considerado canônico sem a autoridade papal.

Uma demanda semelhante à que está sendo feita, hoje, pela ideologia patrocinada pelos EUA, de “mercados livres” financeirizados e privatizados, significando desregulamentação do poder do governo para moldar economias de interesses distintos daqueles das elites financeiras e corporativas centradas nos EUA.

A demanda por universalidade na Nova Guerra Fria de hoje está envolta na linguagem da “democracia”. Mas a definição de democracia na nova guerra fria atual é simplesmente “pró-EUA”, e especificamente a privatização neoliberal como a nova religião econômica patrocinada pelos EUA. Essa ética é considerada “ciência”, como no quase Nobel de Ciências Econômicas. Esse é o eufemismo moderno para a economia neoliberal da escola de Chicago, programas de austeridade do FMI e favoritismo fiscal para os ricos.

Os ditames papais definiram uma estratégia para bloquear o controle unipolar sobre os reinos seculares. Eles afirmavam a precedência papal sobre os reis mundanos, sobretudo acima dos imperadores do Sacro Império Romano-Germânico. A cláusula 26 deu aos papas autoridade para excomungar quem “não estivesse em paz com a Igreja Romana”. Esse princípio implicava a conclusão da Cláusula 27, permitindo que o papa “absolvesse os súditos de sua fidelidade a homens iníquos”. Isso encorajou a versão medieval de “revoluções coloridas” para provocar mudanças de regime.

O que uniu os países nessa solidariedade foi um antagonismo às sociedades não sujeitas ao controle papal centralizado – os infiéis muçulmanos que detinham Jerusalém, e também os cátaros franceses^[ii] e qualquer outro considerado herege. Acima de tudo, havia hostilidade em relação às regiões fortes o suficiente para resistir às exigências papais de tributo financeiro.

A contrapartida atual desse poder ideológico de excomungar hereges que resistem às exigências de obediência e tributo seriam a Organização Mundial do Comércio, o Banco Mundial e o FMI ditando práticas econômicas e estabelecendo “condicionalidades” para todos os governos membros seguirem, sob pena de sanções dos EUA – a versão moderna de excomunhão de países que não aceitam a suserania dos Estados Unidos. A cláusula 19 do *Dictates* determinou que o papa não poderia ser julgado por ninguém – assim como hoje, os Estados Unidos se recusam a submeter suas ações às decisões da Corte Mundial. Da mesma forma hoje, espera-se que os ditames dos EUA via OTAN e outras armas (como o FMI e o Banco Mundial) sejam seguidos pelos satélites dos EUA sem contestação. Como disse Margaret Thatcher sobre sua privatização neoliberal que destruiu o setor público britânico, *There Is No Alternative* (TINA).

Meu interesse é enfatizar essa analogia com as sanções dos EUA de hoje contra todos os países que não seguem suas próprias exigências diplomáticas. As sanções comerciais são uma forma de excomunhão. Eles revertem o princípio do Tratado de Westfália de 1648 que tornava cada país e seus governantes independentes da intromissão estrangeira. O presidente Biden caracteriza a interferência dos EUA como garantia de sua nova antítese entre “democracia” e “autocracia”. Por democracia, ele quer dizer uma oligarquia cliente sob controle dos EUA, criando riqueza financeira que reduz os padrões de vida do trabalho, em oposição a economias mistas público/privadas que visam promover padrões de vida e solidariedade social.

Como mencionei, ao excomungar a Igreja Ortodoxa centrada em Constantinopla e sua população cristã, o Grande Cisma criou a fatídica linha divisória religiosa que dividiu “o Ocidente” do Oriente no último milênio. Essa divisão foi tão importante que Vladimir Putin a citou como parte de seu discurso de 30 de setembro de 2022, descrevendo a ruptura de hoje com as economias ocidentais centradas nos EUA e na OTAN.

Os séculos XII e XIII viram conquistadores normandos da Inglaterra, França e outros países, juntamente com reis alemães, protestarem repetidamente, serem excomungados repetidamente, mas finalmente sucumbirem às exigências papais. Demorou até o século XVI que Martinho Lutero, Zwinglio e Henrique VIII finalmente criassem uma alternativa protestante a Roma, tornando o cristianismo ocidental multipolar.

Por que demorou tanto? A resposta está nas Cruzadas, que forneceram uma gravidade ideológica organizadora. Essa era a analogia medieval com a Nova Guerra Fria de hoje entre o Oriente e o Ocidente. As Cruzadas criaram um foco espiritual de “reforma moral” ao mobilizar o ódio contra “o outro” – o Oriente muçulmano, e cada vez mais judeus e cristãos europeus dissidentes do controle romano. Essa foi a analogia medieval com as doutrinas neoliberais de “livre mercado” de hoje da oligarquia financeira americana e sua hostilidade à China, Rússia e outras nações que não seguem essa ideologia. Na nova guerra fria corrente, a ideologia neoliberal do Ocidente está mobilizando o medo e o ódio ao “outro”, demonizando nações que seguem um caminho independente como “regimes autocráticos”. O racismo absoluto é fomentado contra povos

inteiros, como fica evidente na russofobia e na cultura do cancelamento atualmente varrendo o Ocidente.

Assim como a transição multipolar do cristianismo ocidental exigiu a alternativa protestante do século XVI, a ruptura do coração da Eurásia com o Ocidente da OTAN, centrada nos bancos, deve ser consolidada por uma ideologia alternativa sobre como organizar economias mistas público/privadas e sua infraestrutura financeira.

As igrejas medievais no Ocidente foram drenadas de suas esmolas e doações para contribuir com a moeda de Pedro e outros subsídios ao papado para as guerras que travava contra os governantes que resistiam às exigências papais. A Inglaterra desempenhou o papel de grande vítima que a Alemanha protagoniza hoje. Enormes impostos ingleses foram cobrados ostensivamente para financiar as Cruzadas, foram desviados para lutar contra Frederico II, Conrado e Manfredo na Sicília. Esse desvio foi financiado por banqueiros papais do norte da Itália (Lombardos e Cahorsins), e se tornaram dívidas reais transmitidas por toda a economia. Os barões da Inglaterra travaram uma guerra civil contra Henrique II na década de 1260, encerrando sua cumplicidade em sacrificar a economia às demandas papais.

O que acabou com o poder do papado sobre outros países foi o fim de sua guerra contra o Oriente. Quando os cruzados perderam Acre, a capital de Jerusalém em 1291, o papado perdeu o controle sobre a cristandade. Não havia mais “mal” para combater, e o “bem” havia perdido o centro de gravidade e a coerência. Em 1307, o francês Filipe IV (“o Belo”) apoderou-se da grande riqueza da ordem bancária militar da Igreja, a dos Templários no Templo de Paris. Outros governantes também nacionalizaram os Templários, e os sistemas monetários foram tirados das mãos da Igreja. Sem um inimigo comum definido e mobilizado por Roma, o papado perdeu seu poder ideológico unipolar sobre a Europa Ocidental.

O equivalente moderno à rejeição dos Templários e das finanças papais seria a retirada dos países da Nova Guerra Fria dos Estados Unidos. Eles rejeitariam o padrão dólar e o sistema bancário e financeiro dos EUA. Isso está acontecendo à medida que mais e mais países veem a Rússia e a China não como adversários, mas como oportunidades significativas para vantagens econômicas mútuas.

A promessa quebrada de ganho mútuo entre a Alemanha e a Rússia

A dissolução da União Soviética em 1991 prometia o fim da Guerra Fria. O Pacto de Varsóvia foi dissolvido, a Alemanha foi reunificada e diplomatas americanos prometeram o fim da OTAN, porque uma ameaça militar soviética não existia mais. Os líderes russos se entregaram à esperança de que, como o presidente Putin expressou, uma nova economia pan-europeia seria criada de Lisboa a Vladivostok. Esperava-se que a Alemanha, em particular, assumisse a liderança no investimento na Rússia e na reestruturação de sua indústria em moldes mais eficientes. A Rússia pagaria por essa transferência de tecnologia fornecendo gás e petróleo, juntamente com níquel, alumínio, titânio e paládio.

Não havia previsão de que a OTAN seria expandida para ameaçar uma Nova Guerra Fria, muito menos que apoiaria a Ucrânia, reconhecida como a cleptocracia mais corrupta da Europa, a ser liderada por partidos extremistas que se identificam pela insígnia nazista alemã.

Como explicamos por que o potencial aparentemente lógico de ganho mútuo entre a Europa Ocidental e as antigas economias soviéticas se transformou em um patrocínio de cleptocracias oligárquicas? A destruição dos gasodutos *Nord Stream* resume a dinâmica em poucas palavras. Por quase uma década, uma demanda constante dos EUA tem sido para que a Alemanha rejeite sua dependência da energia russa. Tais demandas foram contestadas por Gerhard Schröder, Angela Merkel e líderes empresariais alemães. Eles apontaram para a lógica econômica evidente do comércio mútuo de manufaturas alemãs por matérias-primas russas.

O problema dos EUA era como impedir a Alemanha de certificar o gasoduto *Nord Stream 2*. Victoria Nuland, o presidente Biden e outros diplomatas dos EUA demonstraram que a maneira de fazer isso era incitar o ódio à Rússia. A Nova Guerra Fria foi enquadrada como uma nova Cruzada. Foi assim que George W. Bush descreveu o ataque dos Estados Unidos ao Iraque para tomar seus poços de petróleo. O golpe de 2014 patrocinado pelos EUA criou um regime fantoche ucraniano que passou oito anos bombardeando as províncias orientais de língua russa. A OTAN incitou, dessa forma, uma resposta

militar russa. A incitação foi bem-sucedida, e a resposta russa desejada foi devidamente rotulada de atrocidade não provocada. Sua proteção de civis foi retratada na mídia patrocinada pela OTAN como sendo tão ofensiva que merece as sanções comerciais e de investimento que foram impostas desde fevereiro. Isso é o que significa uma Cruzada.

O resultado disso é que o mundo se dividindo em dois campos: a OTAN centrada nos EUA e a emergente coalizão eurásiana. Um subproduto dessa dinâmica foi deixar a Alemanha incapaz de seguir a política econômica de relações comerciais e de investimento mutuamente vantajosas com a Rússia (e talvez também com a China). O chanceler alemão Olaf Sholz vai à China esta semana para exigir que desmantele o setor público e pare de subsidiar sua economia, ou então a Alemanha e a Europa imporão sanções ao comércio com a China. Não há como a China atender a essa demanda ridícula, assim como os Estados Unidos ou qualquer outra economia industrial não deixariam de subsidiar seu próprio chip de computador e outros setores-chave.^[iii] O Conselho Alemão de Relações Exteriores é um braço neoliberal “libertário” da OTAN exigindo a desindustrialização germânica e a dependência dos Estados Unidos para seu comércio, não da China, Rússia ou seus aliados. Este promete ser o último prego no caixão econômico da Alemanha.

Outro subproduto da Nova Guerra Fria dos Estados Unidos foi o fim de qualquer plano internacional para conter o aquecimento global. Uma pedra angular da diplomacia econômica dos EUA é que suas companhias petrolíferas e as de seus aliados da OTAN controlem o suprimento mundial de petróleo e gás - ou seja, reduzam a dependência de combustíveis baseados em carbono. É disso que se trata a guerra da OTAN no Iraque, Líbia, Síria, Afeganistão e Ucrânia. Não é tão abstrato quanto “Democracias versus Autocracias”. Trata-se da capacidade dos EUA de prejudicar outros países, interrompendo seu acesso à energia e outras necessidades básicas.

Sem a narrativa “bem versus mal” da Nova Guerra Fria, as sanções dos EUA perderão sua razão de ser neste ataque dos EUA à proteção ambiental e ao comércio mútuo entre a Europa Ocidental e a Rússia e a China. Esse é o contexto para a luta de hoje na Ucrânia, que deve ser apenas o primeiro passo na luta antecipada de vinte anos dos EUA para impedir que o mundo se torne multipolar. Este processo deixará a Alemanha e a Europa dependentes do fornecimento de GNL dos EUA.

O truque é tentar convencer a Alemanha de que depende dos Estados Unidos para sua segurança militar. O que a Alemanha realmente precisa de proteção é da guerra dos EUA contra a China e a Rússia, que está marginalizando e “ucranizando” a Europa.

Não houve apelos dos governos ocidentais para um fim negociado para esta guerra, porque nenhuma guerra foi declarada na Ucrânia. Os Estados Unidos não declaram guerra em nenhum lugar, porque isso exigiria uma declaração do Congresso sob a Constituição dos EUA. Assim, os exércitos dos EUA e da OTAN bombardeiam, organizam revoluções coloridas, se intrometem na política doméstica (tornando obsoletos os acordos de Westfália de 1648) e impõem as sanções que estão separando a Alemanha e seus vizinhos europeus.

Como as negociações podem “terminar” uma guerra que não tem declaração de guerra e é uma estratégia de longo prazo de dominação mundial unipolar total?

A resposta é que nenhum fim pode vir até que uma alternativa ao atual conjunto de instituições internacionais centradas nos EUA seja substituída. Isso requer a criação de novas instituições que reflitam uma alternativa à visão neoliberal centrada nos bancos de que as economias devem ser privatizadas com planejamento centralizado pelos centros financeiros. Rosa Luxemburgo caracterizou a escolha entre o socialismo e a barbárie. Esbocei a dinâmica política de uma alternativa em meu livro recente, *The Destiny of Civilization*.

***Michael Hudson** é professor na Universidade de Missouri, Kansas City. Autor, entre outros livros de *Super Imperialism: the economic strategy of american empire (Islet)*.

Tradução: **Ricardo Kobayaski**.

Publicado originalmente no site [Brave New Europe](https://braveneweurope.com/).

Notas

[i] Nota do tradutor: a data mais aceita é 1075, embora alguns historiadores defendam que os decretos teriam sido ditados pelo Papa em ano posterior.

a terra é redonda

[ii] Nota do tradutor: Os cátaros – também conhecidos como “albigenses” em homenagem à cidade francesa de Albi, às vezes identificada como sua sede – eram “dualistas”, o que significa que acreditavam em dois deuses.

[iii] Ver Guntram Wolff, “Sholz deve enviar uma mensagem explícita sobre sua visita a Pequim”, *Financial Times*, 31 de outubro de 2022. Wolff é diretor e CE do Conselho Alemão de Relações Exteriores.

**O site *A Terra é Redonda* existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.
[Clique aqui e veja como](#)**

A Terra é Redonda